



APRESENTAÇÃO

Alguns estudos aqui apresentados são inéditos. Outros foram conhecidos na forma de comunicações a congressos, mas nem sempre publicados nos anais. Mesmo os publicados não eram acessíveis a públicos mais amplos. Demo-nos conta de rica matéria-prima para ir ao forno. Mais ainda: parecia haver uma forte idéia central a percorrer os textos, conferindo-lhes a unidade que se reflete no título da obra. Para esclarecer, façamos as observações preliminares.

Os textos têm por referência metodológica mais geral procedimentos originários de um projeto de pesquisa em desenvolvimento há quase duas décadas intitulado “Dimensões Morfológicas do Processo de Urbanização” – Dimpu. Dele têm participado professores e alunos (mestrado/graduação) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.¹ Tais procedimentos metodológicos foram extensamente discutidos noutras oportunidades². Neste livro usamos também procedimentos metodológicos mais específicos, da teoria da sintaxe espacial³. Refiramo-nos a uns e outros.

O espaço arquitetônico afeta-nos, independentemente da escala em que se apresente: edifício individual, bairro, cidade inteira, paisagem regional. Algumas afetações são simultaneamente mais evidentes e menos controversas. Não há muita discussão em torno de uma casa poder atingir-nos como mais quente/fresca, mais apertada/espçosa, mais cara/barata de construir, que nos encanta por sua originalidade ou nos parece banal. Estas e outras maneiras da arquitetura atingir-nos podem ser chamadas *aspectos de desempenho* do espaço arquitetônico. Referem-se a como ele responde às nossas expectativas de

¹ Desenvolve-se o projeto desde 1986, com recursos da Finep, depois do CNPq (descontínuos). Participam os professores Frederico de Holanda, Gunter Kohlsdorf, Maria Elaine Kohlsdorf. Na fase inicial estiveram Paulo Marcos P. de Oliveira e Márcio Villas Boas. Estudantes de mestrado e de graduação incluíram-se.

² Como em: Frederico de Holanda e Gunter Kohlsdorf, *Arquitetura como situação relacional*; Frederico de Holanda, *O Espaço de Exceção*.

³ A teoria da sintaxe espacial foi proposta por Bill Hillier e colegas da Bartlett School of Graduate Studies, de Londres. Desenvolveram-na pesquisadores em todo o mundo, inclusive em universidades brasileiras. Visa compreender as relações entre a configuração de cidades e edifícios e o modo como as pessoas permanecem ou se movem nos espaços, além das implicações sociais disto.

conforto ambiental, funcionais, econômicas, estéticas etc. Surge o primeiro divisor de águas: não nos interessam intenções declaradas ou camufladas (o inferno tem muitas) que pressupostamente originaram um edifício. Importam-nos os resultados no espaço pronto, como nos afetam. Nesta obra o leitor conhecerá procedimentos analíticos para avaliar tais resultados em situações sociais e ante determinados valores.

Mas o foco da atenção não recairá sobre os aspectos comentados há pouco, embora possam ser abordados *en passant* de capítulo a capítulo. O aspecto dominante de nossas atenções pode ser caracterizado preliminarmente “como a configuração de edifícios e cidades afeta nossos modos de convívio social, nosso jeito de interagir com outras pessoas, a maior ou a menor facilidade que temos de nos reunirmos em determinados lugares ou as estratégias de vigilância e controle de uns sobre outros”. Percebemos entrar em campo controverso, embora os estudos deste livro sugiram que (sim!) a arquitetura nos afeta dessa maneira, contradiz olhares céticos pelos quais (absurdo!) nossos comportamentos com o próximo são indiferentes à configuração dos lugares utilizados. Entram então os procedimentos metodológicos caros à teoria da sintaxe espacial.

Vêm à mente as discutidas relações de “determinação” espaço \times sociedade na arquitetura, na geografia ou noutras ciências sociais, que serão especificamente tratadas. O “espaço” será conceituado *sistema de barreiras e permeabilidades* que interfere em nossos movimentos sobre o chão. A “sociedade” será *sistema de encontros interpessoais*. Importa quem se encontra com quem, para fazer o que, quando e onde. A relação espaço \times sociedade será entre os dois sistemas, sem propormos que espaço e sociedade sejam exclusivamente isto. São isto e mais⁴. Estamos propondo um tipo de leitura para cada coisa. A questão é: a leitura serve a quê? Lança luz sobre aspectos obscuros da realidade? Melhora nossa prática de projeto?

Retomando “determinação”, estudos demonstram que *configurações espaciais e sistema de encontros* apresentam significativa co-variação na história. Simplificando: cidades densas – medievais européias ou coloniais brasileiras – correspondem consistentemente a intenso uso de espaço público aberto⁵. No segundo nível, de mais interesse, configurações físicas e encontros sociais relacionam-se também a igualdades/

⁴ Cada disciplina - sociologia, economia, antropologia - conceitua essas instâncias caracteristicamente, dado o enfoque específico. Há definições de “sociedade” e de “espaço” tanto quanto disciplinas, paradigmas conflitantes ou autores que contribuíram para se conhecer esses dois níveis da realidade.

⁵ Ver estudos de caso em Frederico de Holanda, *op. cit.*

desigualdades sociais, i.é., a sistemas de poder; parecem-lhe intrínsecos. Sociedades mais desiguais associam-se a certos atributos espaciais e a sistemas de encontro, não a outros; e vice-versa. Ressimplificando: descontinuidades espaciais em sistemas de encontros mais formais e fora do espaço público vêm também junto a sociedades desiguais, como a feudal francesa dos castelos⁶.

Dizer todavia da co-variação de instâncias não necessariamente implica dizer de sua mútua determinação. Causas externas podem provocar estados em um e em outro sistema. Se este o caso, sistemas de encontro e a arquitetura seriam variáveis dependentes da outra causa, e esta última a variável independente “causadora”. Poderia ser – na fórmula clássica do marxismo - luta de classes. Atentemos para esta possibilidade, sabendo que isto não diz tudo. Seria reduzir a arquitetura a epifenômeno, coisa que resulta de outra coisa, sem nada provocar. Nos sistemas de encontros sociais significaria negar à arquitetura capacidade de afetar-nos as vidas, como nos aspectos conforto ambiental, funcionalidade, economia, beleza.

É clara a dificuldade neste campo de pesquisa; não se deve camuflar. Pessoas utilizando edifícios e cidades não constituem uma situação laboratorial em que é fácil isolar variáveis para identificar a mútua interação. Em situações sociais reais são enormes a quantidade e a complexidade de variáveis, embora uma evidência crescente sugira papel não passivo da arquitetura para com nossos estilos de vida e maneiras de encontrar (ou não) pessoas. Há situações em que o “determinismo arquitetônico” é óbvio. Noutras, as relações são fortes, porém não definitivas, e existem as muito tênues. A estrada que liga a arquitetura aos sistemas de encontros interpessoais tem mão dupla; a arquitetura é concomitantemente variável dependente e independente. Cabe entender seu papel em casos específicos⁷.

Estudos acumulados sobre relações espaço x sociedade esclarecem a determinação, revelam-na mais limitada e precisa do que suposto, sem exagerar, como Bruno Taut, ao acreditar que a arquitetura da casa é “criadora de novas regras sociais”⁸, ou como Le Corbusier, ao sugerir que a arquitetura evitaria “a revolução”⁹. A evidência empírica não avaliza tais relações de arquitetura com estruturação familiar ou de arquitetura com democracia/árbitro. Felizmente hoje se sabe mais sobre como

⁶ Idem.

⁷ Estudos de caso relacionam configuração espacial a aspectos sociais, da criminalidade nas cidades à produtividade em laboratórios científicos (Anais dos Simpósios Internacionais de Sintaxe Espacial). No capítulo 1º se lê discussão conceitual mais detalhada sobre “determinismo arquitetônico”.

⁸ Bruno Taut, *Modern Architecture*, apud David Watkin, *Morality and Architecture*.

⁹ “Arquitetura ou revolução: a revolução pode ser evitada” está no fim da obra de Le Corbusier, *Por uma Arquitetura*.

a arquitetura interfere no convívio interpessoal, na presença/ausência em locais públicos, como evita erros graves do século XX em projetos de conjuntos habitacionais para classes pobres, por exemplo, visando fortalecer laços comunitários, mas galgando resultados exatamente opostos.¹⁰

Em busca do tema, a obra não tratará genericamente das relações espaço \times sociedade. Cada estudo de caso – o edifício em particular, uma família de edifícios, o bairro, a cidade, um aglomerado de cidades – terá por referência, à sua maneira, a urbanidade, conceito que interessa a nossos fins, porque simultâneo a espaço físico e a comportamentos humanos. Propus que *urbanidade*¹¹ fisicamente caracteriza: a) minimizar espaços abertos em prol de ocupados; b) menores unidades de espaço aberto (ruas, praças); c) maior número de portas abrindo para lugares públicos (jamais paredes cegas); d) minimizar espaços segregados, *guetizados* (becos sem saída, condomínios fechados) e efeitos *panópticos* pelos quais tudo se vê e vigia.

Comportamentalmente, do Aurélio tragamos que “urbanidade” é a qualidade do “cortês, do afável, relativo à negociação continuada entre interesses”¹². Urbe (cidade) associa “urbanidade” a contexto citadino, contudo é ampliável. No âmbito urbano a “negociação de interesses” reporta-se a classes sociais ou etnias e na escola é entre funcionários, professores e estudantes¹³. Na casa é entre gêneros e gerações, moradores e visitantes, patrões e empregados¹⁴ (capítulos 6º e 7º). Vale para sociedades e instituições não hierarquizadas, não ritualizadas, caracterizadas pelo espontâneo e pela improvisação, o que não se atém ao preestabelecido, não é convencional. Estudos demonstram, nada disso é necessariamente “desordem”, sim um tipo de ordem associada a instituições e sociedades mais democráticas.

Desejando facilitar sua leitura, comento preliminarmente os capítulos do livro:

1) A Determinação Negativa do Movimento Moderno = Texto talvez mais abstrato da coletânea, discute o determinismo arquitetônico. Cirurgias urbanas da era moderna são pano de fundo¹⁵.

2) Uma ponte para a urbanidade = Descreve a metrópole descontínua (Brasília) e seus custos sociais. A 1.ª versão deste

¹⁰ Como em: Carlos N.F. dos Santos e Arno Vogel, *Quando a rua vira casa - a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*; Décio Rigatti, *Do espaço projetado ao espaço vivido: modelos de morfologia urbana no Conjunto Rubem Berta*; Bill Hillier, “In defense of space”.

¹¹ Holanda, *op. cit.*, cap. 2.º.

¹² Aurélio B. de Hollanda, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.

¹³ Claudia Loureiro, *Classe, controle, encontro: o espaço escolar*.

¹⁴ Julienne Hanson, *Decoding Homes and Houses*.

¹⁵ Originalmente: Frederico de Holanda, “A determinação negativa do Movimento Moderno”.

trabalho¹⁶ é sucessivamente atualizada, fruto de contínua pesquisa sobre a estrutura urbana do Distrito Federal. Inédito.

3) Passado, presente e futuro de uma avenida moderna: W-3, Brasília = A proposta preparada para o “Concurso público nacional de idéias e de estudos preliminares de arquitetura e urbanismo para revitalização das avenidas W-3 Sul e W-3 Norte, em Brasília, Distrito Federal” (2002), premiada com a 3.^a colocação. Estuda vitalidade e decadência da W-3, em Brasília. Na Internet (www.vitruvius.com.br/institucional/institucional.asp.) conteúdo parcialmente veiculado. Inédito no formato desta obra.

4) Urbanidade: o resgate. Nova Iorque – Maranhão = A experiência do projeto (1966-7) da pequena cidade, revisitada pós-15 anos; transformações efetuadas pela população no nosso projeto constituem emocionante lição de urbanismo vernacular, que resgata valores de urbanidade parcialmente negados no projeto original. Inédito.

5) Permanência e inovação: SQN-109, Brasília = Discussão do projeto de uma superquadra do Plano Piloto (em implantação), a partir da visão crítica de quadras preexistentes¹⁷.

6) Meu quarto, meu mundo: o espaço doméstico na alvorada do 3.^o milênio = Origina-se numa comunicação para congresso¹⁸ fundamentada em dissertação de mestrado. Reflete sobre transformações no espaço doméstico e faz estudo de caso de residências habitadas por estudantes de arquitetura em Brasília. Inédito.

7) Casa-átrio: Um Exercício em Auto-Análise = Ensaio sobre minha residência (Sobradinho – DF); o trabalho compara a a casas recém-analisadas na literatura sobre espaço doméstico¹⁹.

Escrevi esta apresentação no nosso sítio praieiro no Trairi – CE, ao ecoar dos belos livros de Duda Mendonça – “Casos e Coisas” – e de Anthony Bourdain – “Cozinha Confidencial”. Relembrem-me dizer coisas sérias com leveza e humor, sem a sisudez acadêmica.

Oxalá, esteja eu a caminho!

Frederico de Holanda

Casa da Gangorra, Canaan, Trairi-CE, maio/2002.

¹⁶ Ana Maria Passos Mota, Frederico de Holanda, Laura Regina Simões de Bello Soares e Patrícia Melasso Garcia, “Brasília Nasceu Excêntrica?”. Há versão em inglês, destes autores: “Eccentric Brasília”.

¹⁷ Versão revista e ampliada de Frederico de Holanda e Vicente Barcellos, “O Projeto da SQN-109, Brasília”.

¹⁸ Franciney Carreiro de França e Frederico de Holanda, “Meu quarto, meu mundo: espaço doméstico na alvorada do terceiro milênio”.

¹⁹ Versão revista em 2003 de Frederico de Holanda, “Sintaxe de uma casa-átrio moderna”.